

**ESCREVER PARA QUEM? REFLEXÕES SOBRE
A UTILIZAÇÃO DO CORDEL COMO
RUPTURA DO ACADEMICISMO**

Daniel Dias de Almeida (SEMEC Cambuci)

danieldiasprofessor1@gmail.com

Emily Fuly Dias (UFF)

emilyfuly@idd.uff.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, a partir de experiências pessoais na produção e registro de aprendizagens, enfatizar a necessidade de discutir sobre a utilização do cordel como ruptura da linguagem acadêmica elitista, ponderando assim, a finalidade da escrita, como tem sido produzida e para quem. A metodologia utilizada para a construção do artigo foi descritiva, com análise analítica dos textos apresentados na disciplina “Escola da Infância II” ministrada na Universidade Federal Fluminense, no curso de Licenciatura em Pedagogia. Buscando compreender a utilização da oralidade popular como instrumento de construção de capital cultural, este estudo nos possibilitou enxergar uma outra necessidade de interação dentro da academia, utilizando elementos estéticos e naturais que trouxeram uma nova relação dos alunos para com o meio acadêmico.

Palavras-chave:

Fragmento estético. Produção Acadêmica. Literatura de Cordel.

ABSTRACT

The present work aims, based on personal experiences in the production and recording of learning, to emphasize the need to discuss the use of Cordel as a break from elitist academic language, thus pondering the purpose of writing, and for whom it is produced. The methodology used for the construction of the article was descriptive, with analytical analysis of the texts presented in the subject “Escola da Infância II” taught at the Fluminense Federal University, in the Licentiate Degree in Pedagogy course. Seeking to understand the use of popular orality as an instrument for building cultural capital, this study allowed us to see another need for interaction within the academy, using aesthetic and natural elements that brought a new relationship between students and the academic environment.

Keywords

Academic Production. Aesthetic fragment. Literature of Cordel.

1. Introdução

A disciplina de Escola da Infância 2 se apresenta como uma disciplina para discutir a infância, sua relação com o ambiente escolar, a so-

ciointeração das crianças com um ambiente pedagógico e a intencionalidade do processo educativo, assim como o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Motivados pela disciplina, iniciamos um trabalho de construção de fragmentos estéticos acerca dos textos trabalhados.

Por que pensar em um fragmento estético para confecção de um trabalho?

Porque, dentre vários outros elementos, ele tem que ter vida! A escrita por si, pode se tornar fria, mesmo com palavras de significado. A pretensão de ir de encontro ao leitor e apresentar o debate de forma calorosa é a melhor forma de garantir que um diálogo construtivo e interessante aconteça!

A primeira tarefa que se mostrou extremamente desafiadora foi pensar em como seria esse fragmento. Qual seria a tela dos nossos relatos, fichamentos e conexões? Qual seria a cara e qual o propósito atrás dela? Essas são muitas perguntas, são muitas respostas e no momento inicial da leitura dos textos essas questões não estavam elucidadas, pra falar a verdade ainda estávamos tentando entender o significado de um fragmento estético. Então são questões que preferimos abordar quando estivessem fungando em nossos pescoços, exigindo suas soluções.

Iniciamos nossa experiência tendo contato com o livro *Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil* (2017), de Rodrigo Saballa de Carvalho e Paulo Sergio Fochi (Organizadores); um livro recentemente lançado, fresquinho, com relatos, artigos e entrevistas acerca da Pedagogia do Cotidiano, uma pedagogia voltada para o cotidiano pedagógico, suas relações sócio interacionais.

Nosso primeiro texto trabalhado foi: A pedagogia do cotidiano na (e da) Educação Infantil

A partir deste texto começamos a pensar a importância de observar o cotidiano escolar, o cotidiano da criança para a compreensão do espaço que esse cotidiano tem na rotina pedagógica e no processo de aprendizagem na educação infantil.

Adentramos também na necessidade de evidenciar e realizar o registro pedagógico da criança. Quando falamos que o processo educativo é justamente processual, estamos dizendo que ele não se dá num passe de mágicas, como muitos leigos sugerem. Utilizando uma metáfora simples

eles sugerem que o processo é como fazer mingau. Já fizeram um mingau com amido de milho? No início quando misturado no leite mesmo sendo um pouco mais espesso que o leite ainda é líquido. Então você mexe, mexe e ainda está líquido. Quando você menos espera, inesperadamente, ele engrossa, dá resultados. O mingau ganha corpo sem mais nem menos e você tem que desligar rápido para não queimar. Por isso, logo, o registro pedagógico da criança é visto como gasto de recursos e tempo.

Mas defendemos que não é assim, o processo educacional ele é mais como uma sopa. Já existe naquela panela um caldo, ou uma carne bem temperada, e você vai adicionando ingredientes; liberdade de expressão, espaço de fala, conquista do espaço pedagógico, legitimação deste mesmo espaço, todas essas coisas as crianças vão cozinhando em seus caldeirões e adicionando mais e mais ingredientes para incorporar essa sopa, sem botar pressão e sempre acompanhando o processo e anotando os avanços nos seus livros de receitas.

Assim se dá processo educativo, com a necessidade de registro dos passos. O registro é a legitimação do conhecimento! Por meio dele, a criança pode reconhecer como está se dando o seu desenvolvimento, e também o professor pode traçar planos e interferências pedagógicas.

Neste ponto da disciplina, adentrando o segundo texto, nos pegamos na necessidade de pensar sobre o fragmento estético. Como nos relacionamos com ele? E se deve haver intencionalidade, como as quatro cabeças de realidades totalmente diferentes encarariam uma possível padronização do processo de criação. Haveria padronização? Parece que as questões que já existiam em nossas cabeças e discussões haviam criado raízes, ramificações. Penso, o porquê ela não se apresentava como um rizoma? Uma conexão prazerosa de se trabalhar em vez de se parecerem com galhos subterrâneos sem acesso a água, ou com acesso demais a crescer sem sincronia ou direção. O rizoma é múltiplo e cresce horizontalmente o que nos faz compreender que as relações sociais e de saberes não devem ser hierarquizada e verticais, onde existem níveis acima ou abaixo. Deleuze e Guattari (1995, p. 5) nos mostram que “uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)”.

Na grande parte das vezes esquecemos que uma grande barreira projetada por nós que nos impede de olhar holisticamente é a perspectiva. Nosso olhar estava tão preocupado com uma possível reprodução de uma

arte infantil, que esquecemos o intuito da produção, é externar nossa forma de ver o mundo.

A produção estética nos dá a possibilidade de transfigurar palavras, em cheiros, sons, lembranças. Ativa nosso lado empírico, e reforçando o cognitivo nos faz apreender aquela experiência, ressignificá-la e produzir a partir dela.

Thaiz trouxe para o debate a sua raiz cultural nordestina, que casou com o meu amor pela literatura que compartilho com Emily. Camila se reiterou do processo pois estuda o uso das histórias nos processos educativos. Era isso, o link é a perspectiva, o olhar nos fez entender o quanto prazeroso poderia ser trazer nossas lembranças e completá-las com nossos estudos nos últimos anos visando construir, visando ter um processo de autoria. E num instante todas as raízes descontroladas se apresentaram, sobre a ótica de visão mais justa, como um rizomático campo de contatos, lembranças e esperança de construir algo de significado.

2. *Impressões da construção estética*

Subestimamos também o impacto da produção sobre nós mesmos. Engraçado que o medo da produção ser infantilizada se transformou na alegria infantil de produzir. O orgulho das nossas escritas foi se intensificando.

Decidimos construir cordéis. Literatura rimada, de simples compreensão que evidenciasse todos os pontos foco dos artigos trabalhados. Inicialmente iríamos realizar xilogravuras, mas admito que nossa aptidão com o desenho acabou adormecendo essa ideia. Iniciamos com a ideia de que todos participariam do processo, então a cada texto lido, fazíamos as anotações sobre os principais pontos do texto, e rascunhamos um possível texto rimado, que passava pela mão de todos.

Este gênero literário tão lindo que, nas palavras de Haurélio (2018), é

[...] desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas. Refiro-me, evidentemente, à literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas, também, espelho social de seu tempo. (HAURÉLIO, 2018)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A dúvida se o processo estava sendo benéfico até para a nossa própria compreensão dos conteúdos se apresentou e decidimos revisar os dois cordéis já escritos. Nossos objetivos iniciais eram:

A. realizar uma nova leitura dos textos propostos na disciplina, utilizando a mensagem dos textos para criar poesias que comunicassem a potência da infância através de uma linguagem simplificada;

B. mudar o olhar da turma para as produções acadêmicas, A proposta inicial de uma outra escrita foi pensada pela Prof^ª Dr^ª Cristiana Callai que estava à frente da disciplina Escola da Infância II. Apesar do desafio, a proposta propiciou um novo olhar para a pesquisa e a comunicação;

C. evidenciar o cordel nessa construção, a inspiração na Literatura de Cordel para produção dos fragmentos, não como reprodução do gênero literário, mas como uma referência saudosa ao popular brasileiro manifestado pela nossa colega de pesquisa.

Para a confecção física dos livretos, determinamos alguns parâmetros na esteticidade. Queríamos realizar uma produção natural, entendendo que tanto a origem cultural que inspira nossa escrita, tanto o conteúdo dos artigos, a infância na e da Educação Infantil, seguem essa linha.

Produzimos os escritos em folhas de papel reciclado, Folhas de papel A4 dobradas no meio para fazer a capa e cortadas no meio para fazer as páginas dos cordéis; a métrica seguia o modelo de estrofes de 4 versos decassílabos e evoluções para sextilhas; para decoração usamos de folhas secas que foram apanhadas no pátio da UFF/INFES em Santo Antônio de Pádua; sobre as ilustrações, por falta de habilidades artísticas não conseguimos produzir xilogravuras. As ilustrações foram retiradas de um programa de edição licenciado; vale ressaltar que a produção do fragmento é inspirada na Literatura de Cordel e não uma reprodução fiel do Gênero Literário.

Além da produção estética, tínhamos como objetivo realizar exposições do material desenvolvido para nossos colegas de turma. Inicialmente pensamos em sair do ambiente de sala de aula, romper desde aquele momento com a estrutura da academia. O objetivo da apresentação era retirar os alunos da sala de aula para que tivessem uma experiência de leitura ao ar livre ainda que dentro do campus. Os levamos para o estacionamento do nosso instituto e penduramos nossos cordéis em uma das árvores, com devido respeito e sem causar agressões à mesma. Levamos nossos colegas de turma para este lugar preparado e com atmosfera niti-

damente distinta da sala de aula.

Para conclusão da disciplina, em caráter de avaliação formal, a apresentação final do trabalho realizado ocorreu em sala de aula. A apresentação interna foi a apresentação final do trabalho, onde os demais estudantes também apresentaram seus fragmentos estéticos. O interessante, nessa experiência em sala de aula, foi observar a dinâmica e a relação dos alunos com o espaço.

Por estarem “confinados” em uma sala de aula, muitos não tiveram coragem de levantar de seus lugares para ler as poesias, como se o ambiente os reprimisse, ao contrário do momento que tivemos ao ar livre.

Aos poucos, foram se deixando envolver com a abertura de alguns na reconfiguração da sala de aula formalmente conhecida. Logo se estabelecia um paredão de alunos no quadro principal da sala (onde estavam dispostos os cordéis) se deliciando com essa estética que precisou, em meio a silêncios constrangedores, subverter o ambiente e instaurar, mesmo que por poucos minutos, uma nova aura à sala de aula.

Ao todo foram 9 cordéis produzidos, falando dos mais diversos temas envolvendo o cotidiano da Educação Infantil (Creche e Pré Escola). O primeiro cordel sobre a importância do registro na Educação infantil:

Que registros são esses?
Registros de experiências vividas
Tanto individuais quanto coletivas
Com os fatos ocorridos e as atividades realizadas
No cotidiano da turma, com as vozes manifestadas.

Registrar é documentar o dia a dia da escola
Guardados na memória
Num processo construtivo e coletivo
Preservando sua história

A intencionalidade é o que movimenta
E o registro é auxiliador da memória
Confirmando o que a lei comenta
Eternizamos as relações na escola

Dessa forma então, vimos o que já foi visto
A documentação deve sempre ser lembrada
Como forma de registro
Além de gerar pesquisa
Feita de um conteúdo exclusivo
Relatar o desenvolvimento da criança

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em todo seu ambiente, vivido.

O segundo cordel é sobre a formação de professores para a Educação Infantil inspirado no texto “Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores”.

As formações iniciais
De professores especiais
Se dá ao promover
Do cotidiano, pode ver
Uma pedagogia do poder.

Este cotidiano, já muito visitado
Deve ser de forma calma, sempre requisitado
É uma unidade de inteireza
Banhada em seus fios
Totalidades, especialidades
Relações e linguagens
Na escola entrelaçados
Como fonte de continuidade.

O currículo é muito claro
Para felicidade de criança
Deve brincar e interagir
Mantendo assim a esperança
Deve ser livre e ser feliz
Viver seu corpo e sentir
A aprender na escola
E ser sinestésica a toda hora.

Com toda a sua inteireza
Ser heroína ou ser princesa
Não importa se houver
Interdisciplinaridade aonde estiver
Aprender com a mão e com o pé

Quando terminamos este momento de análise, estávamos apaixonados! Conseguimos introduzir conceitos difíceis de serem trabalhados no nosso curso em um enredo tão gostoso de se ler, ouvir. Que mesmo que não haja compreensão de alguns termos, há compreensão do significado textual. Que mesmo que não haja compreensão de alguns termos, há compreensão do significado textual. Deste modo, conseguimos obter o melhor dos resultados: ser compreensível e simples. Obviamente a parte simples se aplica somente à leitura, pois a produção destes textos, que ao todo foram cinco, foram bem desafiadoras para nós, pois, infelizmente, em nossa sociedade, medimos nossa inteligência e conhecimento pelo nosso léxico, e esquecemos que o mau uso da língua escrita e falada pode ser sim um instrumento de opressão e desvalorização do outro. Como ob-

servado por Bakhtin (1992) e comentado por Nascimento (2017):

Bakhtin estuda o enunciado sob dois aspectos: o que lhe vem da língua e é reiterável e o que lhe vem do contexto de enunciação e é único. Sendo assim, cada texto pressupõe um sistema de signos compreensível por todos (isto é, convencional, válido nos limites de uma dada comunidade), uma língua, bem como, simultaneamente, cada texto, em sua qualidade de enunciado, representa alguma coisa de individual, de irrepetível e aí reside o seu sentido. Este último aspecto não está vinculado aos elementos do sistema da língua, mas a relações particulares de natureza dialógica. (NASCIMENTO, 2017, p. 150)

2.1. *A elitização da linguagem acadêmica e a realidade bucólica de Santo Antônio de Pádua-RJ*

Quando percebemos o quanto a elitização da língua domina nossas produções, buscamos criar um mecanismo de ruptura, pensando em algo que possibilitaria qualquer pessoa ler um trabalho acadêmico sem ficar com dúvidas, ou se as tiver, buscar o significado dos conceitos e não somente das palavras. Porém, é de suma importância enfatizar que este trabalho não tem por finalidade criticar o uso da escrita formal, e que nós valorizamos sua utilização nas produções dos mais diversos autoras e autores, mas buscar traçar novas rotas para um conhecimento baseado na oralidade, nos saberes ancestrais, ecológicos e humanitários. Buscamos identificar, com a nossa pesquisa, as produções sociais o conhecimento que permeia a pronúncia do povo que se comunica perfeitamente entre os seus e é compreendido. Precisamos problematizar o medo da fala, o medo de um responsável chegar para conversar com algum professor ou com algum gestor de alguma escola. Devemos problematizar a inferiorização dos indivíduos pelo não uso da norma culta da língua portuguesa. Somos indivíduos e nos comunicamos de formas diferentes e aprendemos de modos diferentes. Quanto a isso, Freire (1968) nos indica que:

Por isto mesmo é que, muitas vezes, educadores e políticos falam e não são entendidos. Sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante.

E que a linguagem do educador ou do político (e cada vez nos convencemos mais de que este há de tornar-se também educador no sentido mais amplo da expressão) tanto quanto a linguagem do povo, não existe sem um pensar e ambos, linguagem e pensar, sem uma realidade a que se encontrem referidos. Desta forma, para que haja comunicação eficiente entre eles, é preciso que educador e político sejam capazes de conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo, dialeticamente, se constituem. (FREIRE, 1968, p. 49)

Ao produzirmos estes fragmentos estéticos e conversando com outros grupos, nos deparamos com alunos apreensivos com o modo que eles apresentariam o trabalho deles. É necessário destacar que nossa graduação foi realizada no Campus da UFF na cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ, uma cidade pequena há 6 horas da capital. Uma cidade Rural, com distritos que são distantes do Centro da Cidade e que possuem um ritmo completamente diferente da Cidade Grande. São vivências, falas, trejeitos de pessoas que estão imersas num contexto ruralista e que possuem saberes da terra, do plantio, do cuidado com os animais. E são essas pessoas, com múltiplos saberes que adentram as portas da Universidade. São esses indivíduos que acreditam não serem inteligentes por não dominarem os conceitos que um professor demorou anos para dominar.

Nossa instituição recebe alunos exemplares de vários lugares do Brasil. Encontramos em nosso *Campus* uma pluralidade ímpar, onde vivências, culturas e costumes se chocam e se complementam. Por ser um campus relativamente pequeno comparado ao Campus Sede (situado em Niterói-RJ). Com isso, nos comunicamos mais facilmente com os alunos de períodos e cursos diferentes, e durante algumas conversas despreten­siosas podemos observar que muitos alunos, principalmente os calouros, têm medo de falar na sala de aula por se sentirem intimidados com o tamanho do conhecimento do professor. E isso nos demonstra que o aluno se coloca sempre numa posição inferior ao outro, por sempre acreditar que outro sabe mais e com isso ele abdica de seus saberes.

Obviamente que ao ter contato com um maior capital cultural a apreensão das palavras e de seus significados e significantes é muito maior. Mas precisamos perceber que o saber adquirido na Universidade não se torna maior ou mais importante do que aquele adquirido ao longo de toda uma vida. É apenas um conhecimento diferente, que soma ao anterior e não que o anula. Desta forma, cremos que os múltiplos saberes devem ser equivalentes, de modo que não seja necessário abrir mão de um para adquirir o outro. O ambiente Universitário é fundamental para não somente ensinar uma profissão, mas trazer para o aluno as discussões sociais que antecedem sua existência e que reflete diretamente no seu presente. E quando compreendemos a complexidade do ensinar entendemos que pode ser feito de várias formas e com diversas palavras. O ambiente do aprendizado não pode se tornar o ambiente do medo e da vergonha, pois precisamos construir juntos um saber que atende diferentes demandas e realidades, e que potencialize o melhor de todos aqueles que se dispõem a aprender.

Esta prática implica, por isto mesmo, em que o acercamento às massas populares se faça, não para levar lhes uma mensagem "salvadora", em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com que estão. (FREIRE, 1998)

Observamos então que o conhecimento científico por vezes suprime os saberes naturais, aqueles que precedem todo nosso saber teórico, aquele que está diretamente ligado à nossa leitura de mundo e a nossa construção como indivíduo. Santos (1995) elucida:

O segundo grande tema de reflexão epistemológica versa mais sobre o conteúdo do conhecimento científico do que sobre a sua forma. Sendo um conhecimento mínimo que fecha as portas a muitos outros saberes sobre o mundo, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato, ou, como diz Prigogine¹¹², num interlocutor terrivelmente estúpido. Este aviltamento da natureza acaba por aviltar o próprio cientista na medida em que reduz o suposto diálogo experimental ao exercício de uma prepotência sobre a natureza. O rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objectivar os fenômenos, os objectualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza. É, em suma, finalmente, uma forma de rigor que, ao afirmar a personalidade do cientista, destrói a personalidade da natureza. Nestes termos, o conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza e a retumbância dos êxitos da intervenção tecnológica esconde os limites da nossa compreensão do mundo e reprime a pergunta. (SANTOS, 1995, p. 32)

3. Considerações finais (ou conclusão)

Os textos trabalhados até este momento nos fazem acreditar que a trajetória de uma anunciação, de uma enunciação, de uma comunicação é construídas em vão sem a visualização do meu leitor, ouvinte, receptor. Comunicar, compartilhar se estabelece como um dos movimentos genuinamente humanos essenciais na construção de sociedades e da natureza social da humanidade. Somos *Zoon Politikon*¹¹³, comunicar é parte essencial da construção de qualquer língua. Logo, entender que nossa escrita dentro da universidade deve ser acessível é uma das conclusões desse

¹¹² Ilya Prigogine (1917–2003), químico russo naturalizado belga, prêmio Nobel de Química em 1977 por seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis com a formulação da teoria das estruturas dissipativas e sua produção de divulgação científica.

¹¹³ *Zoon Politikon*, termo grego atribuído ao filósofo Aristóteles, que significa "Animal Político". Seres que foram criados essencialmente para viver em comunidade.

artigo. Não a única...

Faz-se necessário destacar que nossas conclusões sobre o artigo seguem em constante observação. Mas podemos, para finalização deste, elencar algumas das percepções obtidas por nós.

A estranheza manifestada pela nossa turma de graduação e a dificuldade de conceber a ideia de um fragmento estético como objeto de avaliação da disciplina demonstra claramente o não preparo para este tipo de abordagem metodológica. Logo buscamos incentivar que mais produções estéticas sejam adotadas nos cursos de Graduação visando cada vez mais o oferecimento destas pesquisas e produções para a sociedade civil em linguagens culturalmente acessíveis.

A linguagem acadêmica ou academicismo muitas vezes se sobrepõe à qualidade da fruição estética/acadêmica. Quando identificamos por vezes a ruptura de receios, de achismos sobre o comportamento no espaço acadêmico, identificamos também a importância de torná-la mais comum possível. Um gesto praticável!

Faz-se necessário, o incentivo a gestos curriculares que permitam que um espaço de liberdade de fruição se instaure na academia. Evidenciando cada vez mais a valorização da cultura e saberes locais na construção de conhecimentos de significado e significância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Rodrigo; FOCHI, Paulo. A pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. *Em Aberto*, v. 30, n. 100, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. Id. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1, p. 11-37, 1995.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, n. 2, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. *Pedagogía del oprimido*. 1968.

HAURÉLIO, Marco. *Breve história da literatura de cordel*. Claridade, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Afrontamento, 1995.